

## A LÍNGUA DE COHEN: PROPOSTA DE TRADUÇÃO A PARTIR DA POÉTICA DO RITMO

MAURÍCIO GIORDANO<sup>1</sup>; DAIANE NEUMANN<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – mauricio7giordano@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se do meu projeto de pesquisa e dissertação, o qual insere-se no campo dos estudos da linguagem e da tradução. Sua proposta é realizar traduções literárias de poemas selecionados do livro de poesias *The Flame* de Leonard Cohen. A pesquisa terá como base teórica o trabalho de Henri Meschonnic acerca do ritmo na tradução, pensando-a em conjunto com a sua concepção de linguagem.

Partirei da noção de *discurso* de Benveniste, encontrada em *Problemas de Linguística Geral* (1976), no qual o autor propõe que “a linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como eu.” (BENVENISTE, 1970, p. 284). Essa noção de discurso coloca o homem no centro da linguagem que não é vista como instrumento, mas como a possibilidade de se subjetivar e existir como ser social.

E é esse ato único, irrepetível, o discurso de que se valem Dessons e Meschonnic (2003) para elaborar sua teoria do ritmo, a qual propõe que o ritmo é o que organiza o discurso de um poema. “O ritmo considerado como organização do discurso conduz a uma análise de todas as atividades do ritmo e de todas as suas categorias, por consequência, a um reexame da representação comum da linguagem. (DESSONS, MESCHONNIC, 2003, p. 28). Através do conceito de ritmo, Meschonnic propõe um olhar sobre a organização do discurso dentro do texto. Essa observação é fundamental para pensar a tradução, considerando a poética do ritmo.

A partir do ponto de vista que se propõe a compreender o ritmo da linguagem serão analisados e traduzidos cinco poemas de Leonard Cohen. Buscarei escutar – no sentido de buscar entender o que o poema faz – como Cohen cria um sistema de discurso da sua obra e a relação que tal sistema estabelece com questões políticas como religião, sexo e morte.

*The Flame* foi o último livro de poesias escrito por Cohen. O autor trabalhou neste até os dias finais de sua vida, e sua publicação foi póstuma. Colocar em um papel protagonista essas questões acerca das escolhas tradutórias e de seu caráter político será essencial para a elaboração deste trabalho.

### 2. METODOLOGIA

O método de abordagem da pesquisa é de ordem analítica e prática. Em um primeiro momento será construído o aparato teórico do trabalho com base na poética de Meschonnic, especialmente em *Éthique et politique du traduire* (2007) e na poética de Benveniste presente no *Dossiê Baudelaire* (2008). Outras obras de Meschonnic e de Benveniste também serão consultadas, bem como se buscará apoio em leitores de ambas as obras, tais como Gérard Dessons (2006) e Chloé Laplantine (2008).

Também serão consultados trabalhos que auxiliem a contextualizar e aprofundar o entendimento acerca do universo de Cohen de modo a beneficiar a prática tradutória, tal como o trabalho de Martin Goodman (2020) em *A História do Judaísmo*.

A pesquisa deverá ter o seguinte curso: 1) leitura de textos teóricos da obra de Émile Benveniste e Henri Meschonnic que abordem o poema e a tradução; 2) leitura acerca da mitologia judaica e cristã, se necessário, a fim de aprofundar a discussão de questões presentes na obra de Cohen; 3) leitura da obra *The Flame* e tradução de cinco poemas selecionados a partir dos pressupostos definidos nas fases anteriores da pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira etapa da pesquisa foca em questões acerca do que Meschonnic apresenta como ritmo heraclítico, “como organização do movente, opondo-se a *skhêma*, organização do que é fixo” (DESSONS & MESCHONNIC, 2003, p. 59). Essa definição de ritmo é essencial para se entender como Meschonnic pensa a tradução. A proposta não coloca em voga apenas uma mudança de nomenclatura, mas desvia o olhar para um outro foco, que é mais voltado à configuração do texto particular, que não é binário em identificar ou não identificar aspectos esperados no texto, mas que oferece a este uma escuta atenta e parte deste mesmo para estabelecer como se organiza o movimento do ritmo naquele determinado sistema de discurso.

Meschonnic sustenta essa noção de ritmo no trabalho de Émile Benveniste (1976) acerca do discurso. O ritmo busca o sujeito no texto. Esse sujeito, entretanto, não é o sujeito da enunciação de Benveniste, mas sim o sujeito do poema. “Esse sujeito faz com que a organização da linguagem seja uma subjetivação geral, e máxima, do discurso, tal que o discurso seja transformado pelo sujeito e que o sujeito advenha somente através desta própria transformação”. (MESCHONNIC, 2003, p. 43)

Para Meschonnic, o sujeito do poema é aquele que cria os efeitos de subjetividade únicos ao texto. É um sujeito que cria a própria vida e sua significação a partir da arte e do que é específico a si.

A segunda etapa da pesquisa visa a aprofundar as discussões acerca da tradução propostas por Henri Meschonnic. Para o autor, “quando traduzimos nada além do signo, perdemos o poema” (MESCHONNIC, 2007, p. 30). Isso acontece porque para o teórico, não há nada na língua além de discursos, se traduzirmos o signo por ele mesmo, ignoramos muito do texto.

Ignorar o poema significar ignorar o funcionamento e os efeitos que o discurso constrói, sua historicidade. Dessa tradução do signo, surge o intraduzível, segundo Meschonnic (2007), porque há determinadas palavras que não carregam equivalentes a nível de signo, portanto, há elementos ou estruturas que não podem ser traduzidos. Entretanto, pensar a tradução através da poética do ritmo significa encarar o poema como um discurso em si e não apenas como partes que precisam ser passadas para a língua de chegada linearmente.

A linguagem e o homem são indissociáveis, portanto, não é possível ver o homem fora da linguagem ou a linguagem fora do homem, não há homem sem discurso ou o seu oposto. Os discursos são manifestações da subjetividade humana e, por sua vez, subjetivam os homens em uma relação infinita. Não há maneira de a linguagem ser tomada como instrumento, já que a linguagem é como experienciamos e vivemos o mundo.

E esse é um pressuposto importante para guiar o trabalho de tradução literária que busca traduzir o discurso. Deve-se ir contra o apagamento do tradutor, contra o apagamento do poema. Para isso, é preciso pensar constantemente sobre o trabalho de tradução e considerar que este também é um trabalho teórico, na medida que a tradução pode servir para ampliar o campo do possível em uma determinada língua, também serve para pensar o funcionamento dessa língua, mesmo fora do literário. “O pensamento é uma loucura que quer mudar o mundo, em relação à manutenção da ordem”. (MESCHONNIC, 2007, p. 38)

Debruçar-se sobre questões de tradução sempre se torna um questionar a língua e os seus limites. Propor soluções de tradução é também propor um modo de viver na língua que talvez ainda não exista. A tradução se evidencia como uma questão sempre política, e a re-tradução se faz necessária para re-pensar questões tidas como acabadas.

A última etapa dessa pesquisa focará em atentar para como a teoria do ritmo auxiliará na tradução da “língua de Cohen”. Esse trabalho será feito englobando não apenas os poemas selecionados, mas o todo do livro de poemas *The Flame*, e considerando como este estabelece relações com os poemas, bem como pensando esses trabalhos dentro de uma obra geral em busca da “língua de Cohen”. Tal língua envolve símbolos religiosos canônicos que deverão ser analisados dentro do sistema de valores da obra do autor e não partindo de valores já preestabelecidos. Meschonnic traz luz ao fato de que “o respeito, o hábito fizeram de certas versões uma vulgata. Um pseudotexto,” (MESCHONNIC, p. 155, 1999) como é o caso da tradução bíblica. Traduzir Cohen, portanto, se desvela um trabalho delicado na medida em que há de se caminhar cuidadosamente para que não se caia em clichês de explicações consolidadas por anos de traduções que servem mais ao religioso do que ao divino, como proposto em *Éthique et politique du traduire* (2007).

#### 4. CONCLUSÕES

Ainda não há conclusões sobre como as análises e as traduções dos poemas de Leonard Cohen serão elaboradas. Entretanto, já estão sendo realizadas algumas discussões, como aquelas que apresentei aqui, que serão balizares para o trabalho que se seguirá de aprofundamento teórico, análise de poemas e sua consequente tradução.

Haverá uma pesquisa teórica abrangente acerca da teoria do ritmo e do conceito de poética presente nas obras de Henri Meschonnic e Émile Benveniste. Partindo desses conceitos, o trabalho de Cohen será analisado a partir de algumas obras selecionadas para que se chegue a algumas conclusões preliminares acerca do seu imaginário poético e do que foi referido neste trabalho como sua “língua”.

Com esses parâmetros, analisarei a obra *The Flame*, sem partir de uma pressuposição de conhecer o trabalho *a priori* por conta da pesquisa já elaborada ou por conta de quaisquer noções estabelecidas do que seja poema. O trabalho de análise e tradução será feito a partir da escuta do ritmo nos poemas selecionados, e a pesquisa feita anteriormente servirá para aprofundar o conhecimento e embasamento do discurso do sujeito do poema proposto na obra de Cohen.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- COHEN, Leonard. **The Flame**. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2018.
- DESSONS, Gérard; MESCHONNIC, Henri. **Traité du rythme: des vers et des proses**. Paris: Nathan, 2003.
- GOODMAN, Martin. **A História do judaísmo**: A saga de um povo: das suas origens aos tempos atuais. São Paulo: Crítica. 2020.
- LAPLANTINE, Chloé. **Émile Benveniste: poétique de la théorie. Publication et transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire**. Tese de Doutorado. Paris: Université Paris 8, 2008.
- MESCHONNIC, Henri. **Éthique et politique du traduire**. Paris: Verdier, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Poética do traduzir**. Paris: Verdier, 1999.